

Audioguia: mais vozes

Faixa 41 do audioguia da Bienal

Iraildo Brito (operador de empilhadeira da Bienal)
comenta a instalação de Nelson Felix, localizada no 2ª
andar da exposição.

[escute aqui]



“Meu nome é Iraildo Brito, sou pernambucano. Entrei na Bienal para trabalhar por 10 dias, em 1999, na 4ª de Arquitetura, e estou aqui até hoje. A gente vai ficando aí, enquanto deixarem. Sou operador de empilhadeira da casa (oficial, agora).

Nesse trabalho, eu participo desde a montagem da cenografia. Da entrada do material até o final da exposição, quando desmonta. Aqui eu já carreguei de tudo. Teve uma obra, nos 50 anos de Bienal, uma comemoração, que eram 5 caminhões de esturmo de vaca, e eu tive que trazer aqui para o terceiro andar. E mais recente, teve a vaca que era partida no meio, que tivemos que a gente teve que carregar também.

Para dirigir a empilhadeira, você tem que ser habilitado. Se você machucar alguém dentro do ambiente, você responde como se fosse no trânsito. Aqui na Bienal é difícil por causa da rampa. Com a empilhadeira, normalmente você trabalha no plano. Aqui você tem que subir e descer rampas, de frente ou de ré. Isso complica um pouquinho mais e é o que assusta alguns operadores que vêm aqui.

Em relação à obra do Nelson, ela foi muito complexa. Ela deu trabalho tanto para os meninos do Almoxarifado, quanto para mim e para o Joaquim, que é o produtor. Porque é uma peça grande, pesada, e a gente não sabia o que fazer. Foi alugada uma aranha de 5 toneladas que não conseguiu colocá-la para cima. Aí tivemos que trabalhar com um muque de 15 toneladas para poder chegar com ela no local. Toda a montagem da obra do Nelson durou umas duas semanas. A gente trabalhando direto.

Você pára em frente à obra e fica pensando: uma chapa dessas, com um peso desses, o que significa? Não é isso? Depois veio aquele sino dele, os cactos... E você vai tentando entrar na cabeça do artista, porque você nunca sabe o que ele está pensando. E é o caso do Nelson. Todos os dias ele tinha algo diferente para fazer. Eu acho que ele não tinha um projeto pronto... Ele viu a obra dele de um jeito e, quando ele viu o espaço que ganhou, ele tentou mudar algumas coisas que deixaram mais atraente.

Essa obra me deixou curioso por causa disso. Pra gente que é leigo, é difícil olhar uma chapa e... o que significa essa chapa? Mas para ele, na cabeça dele, é muita coisa. Eu acho que a chapa é pesada, realmente. Ela tem 2,5 [metros], a outra tem 1.500 quilos. E com as ferragens que colocaram ela foi para, quase, 5 mil quilos. Na cabeça dele, ele viu aquela chapa, quis colocá-la ali em pé, e depois acho que ele mesmo ficou pensando o que ele queria com aquilo. Até hoje ele não explicou pra gente. Já perguntei duas vezes e ele não fala. Perguntei: “O que o senhor pensou quando fez essa obra?”. Ele diz: “Rapaz, está aí. Pensei assim e pronto”. Aí a gente também pára para pensar: “O que essa pessoa fica pensando em casa?”. Para fazer uma obra dessas... é complicado. [risos]

Os cactos do Nelson são o seguinte: ele disse que aquilo ia dar frutos até o final da exposição. E realmente está dando. Se você olhar, a plantação dele está

evoluindo. Ele plantou aquilo com muito carinho, estava aqui todos os dias com a gente...

Aquilo é da cabeça dele. Ele pensou aquilo. Mas tem as pessoas por trás dele que vem executar o serviço. Ele tem uns assistentes muito bons, o César, o Jeremias... E os meninos também merecem um crédito, por que essa gente que você não vê faz a obra que você vê. [risos] E eu acho que a gente está de parabéns. Conseguimos realizar o que ele queria.



© Felipe Berndt e Iriana Turozi



© Felipe Berndt e Irana Turozi